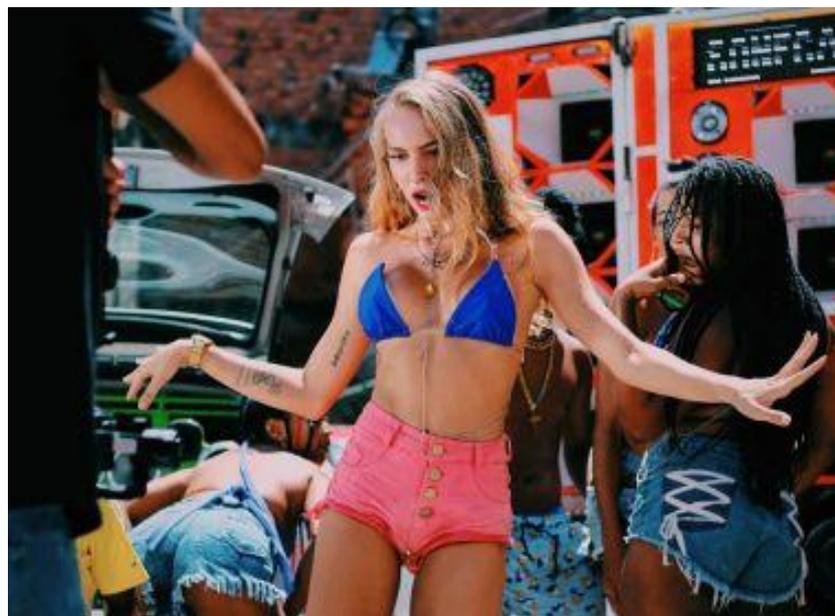


O litoral infamiliar do pagode baiano

Wilker França¹



Banda Atravestis

Era noite no céu. O mundo estava colorido. Um grande som gritava “murro, murro, murro na costela do viado”². Uma transsexual loira com shortinho curto cantava em uma plataforma aparentemente improvisada na traseira de um carro. Invenções de corpos. Bricolagens estéticas. Irrupturas de gozo. E uma dança que exigia perna e lombar trabalhadas. Era periferia de Salvador antes do vírus apocalíptico. Era a banda Atravestis tocando no Paulilo Paredão. Me parece o local adequado para pensar o tema do próximo encontro Brasileiro do Campo Freudiano, “O feminino infamiliar: Dizer o indizível”.

Preparemos as lanternas, velas e, por que não, nossos celulares, para adentrarmos, não tão a esmo, munidos com mapas, migalhas de pão, pichações na beira da estrada, no demasiadamente próximo feminino, infamiliar. O convite é a dizer o que encontramos (ANTELO & GURGEL, 2020).

Respondendo ao convite de Marcela Antelo e Jordan Gurgel apresentado no Argumento do próximo Encontro do Campo Freudiano e considerando o alerta de Fernando Vitale (2019) para que o limite neurótico da angústia de castração não se

¹ Associado do Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB)

² trecho da música “Murro na costela do viado” da banda Atravestis.

estenda a um limite conceitual, proponho uma articulação possível entre as invenções de corpo e o feminino infamiliar como uma bússola importante na experimentação desse litoral, com margens não tão bem definidas, (a)localizados, na mostraçãõ do pagode baiano.

Marcada por vozes grossas e masculinas vociferando o desejo por pedaços de corpo de uma mulher, esta cena é reconfigurada pelo *avesso do avesso do avesso*, como diria o poeta, em vozes-bricolagens, em falas que tangenciam experiências que dificilmente encontram um microfone para fazer eco. Atravestis é uma das bandas que surgem nesse novo *cená-rio*, situado num litoral. Ao reconfigurar a cena, algo do que estava aparentemente fora (*a*)*parece e*, ao mesmo tempo que monta uma nova cena, a-desmonta.

A partir da teorização de Lacan sobre a angústia, Miller ressalta que há algo da experiência do estranho que perturba o campo imaginário. Diz Miller: “O objeto da angústia como objeto ansiogênico, não-especularizável, é paradoxalmente especularizável, o invisível é entretanto visto” (Miller, 2005, p. 62).

Avançando sobre a distinção entre as duas modalidades de gozo, Lacan (1980) esclarece em “A terceira” que uma das modalidades transcorre entre o simbólico e o real, o gozo fálico, ao passo que a outra modalidade é experimentada no corpo, transcorrendo entre o imaginário e o real, o gozo Outro. Pensar esse litoral do pagode baiano é deixar-se apreender por invenções que vão além da referência ao gozo limitado pelo falo.

Em uma entrevista, Tertuliana Lustosa, cantora da banda Atravestis, descreve sua arte como “um processo corporal”³ que segue os preceitos do porno-terrorismo⁴. Nesta mesma entrevista, ela se apropria do significante *puta* que a di-fama⁵ e revela o bom uso que faz dele hoje.

³ Fala dita em uma apresentação do Prêmio PIPA 2019. Pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=KqGMPX-7pUs>

⁴ Essa entrevista pode ser vista no vídeo divulgada junto com esse texto. <https://www.youtube.com/watch?v=GBoAnZuGoic&t=873s>

⁵ No seminário 20, Lacan joga com o equívoco *dit-femme, on la diffâme* para brincar com a impossibilidade de falar das mulheres, afirmando que o que mais se aproxima é o que delas se pode dizer de infamante.

“Porno terrorismo” é o nome que Diana J. Torres dá a seu livro, um relato autobiográfico em que propõe um manifesto para que qualquer sujeito desfrute, do modo como queira, do seu corpo e de sua sexualidade. Ela define o pornoterrorismo como

[...] algo que pulsa, que jorra [...] A rigidez do binarismo de gênero me asfixia sobremaneira. Assim que não sou nada que se possa encaixar(TORRES, 2010).

Há algo do pornoterrorismo que deixa o não espetacularizável à mostra, transpondo o objeto da pulsão para além de sua função fálica. É o que me suscita a seguinte imagem⁶:



Performance Porno terrorista de Diana Torres realizada em 2014

Arrancar o pau, literalmente, ou enfiar o microfone na vagina, como sugere a imagem, apontam mais para um júbilo do que para algo da angústia. Distante da lógica representacional, com um predomínio inegável da pulsão escópica, a performance mostra paradoxalmente, com muitas câmeras produzindo diferentes enquadres para a imagem, o impossível de se mostrar, o que se experimenta no corpo, algo que é opaco à imagem. Por mais que se multipliquem as câmeras, há algo do júbilo neste corpo que se coloca a ver, mas que não se dispõe à captura pela imagem.

A queda do falocentrismo apresenta inúmeros efeitos, seja uma força que eclode para restaurar a ordem anterior, ou uma força Outra que não cessa de transbordar, apontando para além da ordem falocêntrica.

⁶ Disponível em: <https://www.shock.co/opinion/fabian-paez-lopez/articulos/hablamos-con-la-precursora-del-pornoterrorismo-83265>

De fato, Lacan tinha razão quando afirmou que os artistas precedem os psicanalistas. Cabe a cada um de nós se deixar ensinar por eles, inclusive sobre gozo infamiliar. Invenções possíveis. Amarrações singulares, vivas e pululantes.

Referências

Antelo, M & Gurgel, I. Argumento do Encontro Brasileiro do Campo Freudiano 2020. Acessado em: 20/05/2020. Disponível em: <http://www.encontrobrasileiro2020.com.br/encontro/argumento/>

Lacan, J. (1974/1980). La tercera. In: Actas de la Escuela Freudiana de Paris (pp. 159-186). Barcelona: Ediciones Petrel.

Miller, J-A. (2005) Introdução ao seminário da angústia de Jacques Lacan. In. Opção Lacaniana, n. 43.

Torres, D. Pornoterrorismo. Txalaparta. Ed. 5. 2010.

Vitale, F. Das Unheimliche, una indagación estética. Dossier 100° aniversario de “Lo ominoso” (1919) de Sigmund Freud. IN: Virtualia n. 36, março 2019. Disponível online. URL: <http://www.revistavirtualia.com/articulos/822/dossier-1000-aniversario-de-lo-ominoso-1919-de-sigmund-freud/idas-unheimlichei-una-indagacion-estetica>